

**A EXPERIÊNCIA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA NO CONTEXTO
DAS RELAÇÕES UNIVERSIDADE-ESCOLA:
a construção de uma história marcada pelo ato de dizer**

***THE EXPERIENCE OF TEACHING INITIATION IN THE
RELATIONSHIP UNIVERSITY-SCHOOL CONTEXT:
the construction of a history marked by the act of speech***

Marlete Sandra Diedrich¹

Flávia Eloisa Caimi²

Adriana Bragagnolo³

RESUMO

Neste artigo discutimos a experiência vivenciada pelo licenciando PIBID na relação teoria-prática instituída entre a universidade e a escola pública e resgatada pelos eventos de linguagem deste pibidiano que se propõe como sujeito do seu dizer. No foco da discussão estão os conceitos de experiência, mais especificamente, experiência docente e linguagem. Cercamos o estudo com os fundamentos propostos por Agamben (2005) tratando dos conceitos de experiência e história no mundo contemporâneo e a partir do diálogo que o autor propõe com a Teoria da Enunciação, de Benveniste (1970). Temos como pressuposto central a ideia de que o bolsista licenciando do programa vive uma experiência diferenciada no contexto do Pibid, o que marca a sua formação docente de forma singular, constituindo a sua própria história a partir do discurso que constrói.

Palavras-chave: Experiência docente. Linguagem. Pibid.

ABSTRACT

In this article, it is discussed the experience of being a Pibid, in what comes from the relationship among theory – practice, established by university and public schools and rescued by the teacher language events, which proposes himself as the subject of his speech. In the focus of our discussion, are the concepts of experience, specially,

¹ Doutoranda em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora da Licenciatura em Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF). Coordenadora de Gestão Pedagógica do Pibid/UPF. E-mail: marlete@upf.br

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFR). Professora na área de Estágio Supervisionado da Licenciatura em História e do Programa de Pós-Graduação – Mestrado e Doutorado - da UPF. Coordenadora Institucional do Pibid/UPF no período 2010-2012. E-mail: caimi@upf.br

³ Doutoranda em Educação na UPF. Professora na área de Estágio Supervisionado da Licenciatura em Pedagogia da UPF. Coordenadora da área de Pedagogia no PIBID/UPF, no período 2010-2012. E-mail: abragagnolo@upf.br

the teaching experience, and the language. We illuminate our discussion with elements proposed by Agamben (2005) about the experience concepts and history in the contemporary world, and, throughout the dialogue that the author proposes with the Theory of Enunciation, Benveniste (1970). We believe that the scholarship student, the program's teacher, lives an experience diversified inside the PIBID's context, which marks his teacher training in a unique way, composing his own history from the speech that he builds.

Keywords: Teaching experience. Language. Pibid.

1 UMA BREVE APRESENTAÇÃO

Para iniciarmos a discussão a que nos propomos neste artigo, que trata centralmente da experiência de formação docente construída no contexto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) e a constituição de uma história do sujeito, faz-se necessário, antes, apresentar brevemente o Pibid, tal como é desenvolvido na Universidade de Passo Fundo (UPF/RS).

Como se sabe, o Pibid representa uma iniciativa que busca o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores para a Educação Básica. Trata-se, portanto, de uma política educacional de âmbito nacional que tenciona, em última instância, elevar a qualidade da Educação Básica, promovendo a inserção de estudantes da licenciatura no cotidiano das escolas da rede pública, de modo a proporcionar-lhes

oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar, que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem. (BRASIL, 2010).

Na Universidade de Passo Fundo, Instituição de Ensino Superior (IES) comunitária com 45 anos de história, responsável pela formação de grande parte dos professores da região Norte do estado, o Pibid foi instalado em 2010, sob as orientações do projeto intitulado *Iniciação à docência no contexto das relações*

universidade-escola: investigação, ação e inovação pedagógica. O projeto institucional original contemplou a participação de cinco licenciaturas da Universidade de Passo Fundo, configurando cinco subprojetos: Física, Química, Matemática, Letras e Pedagogia; 13 escolas da educação básica; 20 professores supervisores das escolas conveniadas e 100 licenciandos bolsistas, envolvendo diretamente 126 acadêmicos e professores e, indiretamente, mais de 6 mil professores e estudantes da Educação Básica.

Em sua dinâmica metodológica, o projeto propunha o desenvolvimento de ações pedagógicas que propiciassem aos licenciandos bolsistas um contato direto e contínuo com o ambiente escolar, reconhecendo e interagindo com as potencialidades/demandas da escola pública desde o início de sua formação acadêmico-profissional nos cursos de licenciatura, na busca de experiências capazes de auxiliá-los no trabalho de compreensão do funcionamento da complexidade escolar, bem como da qualificação das práticas a serem mobilizadas em sala de aula, levando em conta, principalmente, a interação professor-aluno no processo de aprendizagem e a possibilidade de produção e sistematização da experiência docente.

Sendo assim, o projeto institucional organizou suas ações a partir de quatro eixos norteadores:

- a) contextualização do ambiente escolar e da educação básica:** trata-se de realizar estudos e ações de aproximação com o ambiente escolar e a comunidade envolvente de forma exploratória, reconhecendo potencialidades e demandas que configuram as dinâmicas cotidianas de tal ambiente/comunidade;
- b) investigação das práticas de ensino-aprendizagem:** trata-se de avançar estudos exploratórios mais amplos para a realização de práticas investigativas que permitam adentrar o espaço da sala de

aula, desvendando as diversas dinâmicas de ensinar e aprender que ali se estabelecem;

c) ações/ inovações pedagógicas - propostas de intervenção em sala de aula e em espaços alternativos: trata-se de possibilitar condições de intervenção nos processos de ensino-aprendizagem por meio de diversas ações nos subprojetos, tais como oficinas de aprendizagem; monitorias de temas; elaboração e execução de inovações pedagógicas; produção de materiais e experimentos didáticos; desenvolvimento de tecnologias para a sala de aula; composição de acervos didático-pedagógicos nas escolas; organização de clubes e feiras de conhecimento nas diversas áreas; organização e acompanhamento de atividades fora do ambiente escolar, dentre outros.

d) integração, sistematização, avaliação e difusão: trata-se de instaurar uma rotina de reflexão sistemática (individual e coletiva) sobre os processos vivenciados no programa, envolvendo ações como produção de diários de campo; elaboração de relatórios periódicos; produção de textos sobre a experiência, dentre outros. Prevê-se ainda a realização de encontros periódicos para avaliação e redimensionamento dos trabalhos, bem como a participação em eventos científicos nas respectivas áreas.

Não nos deteremos aqui no aprofundamento de cada eixo, uma vez que nos ocuparemos das ações deles decorrentes, na sequência deste artigo.

Importante registrar, antes de seguir adiante, que em edital lançado em 2012, o projeto institucional foi ampliado de forma significativa, incorporando dez novos subprojetos, totalizando então quinze subprojetos no âmbito do Pibid-UPF, abrangendo todas as licenciaturas, com 305 participantes. Mesmo com a ampliação, decidiu-se manter a proposta dos quatro eixos, uma vez que a experiência construída até o momento acenava para a continuidade da proposta, dada a sua potencialidade, especialmente para

viabilizar o diálogo interdisciplinar. Dessa forma, passados três anos desde a instalação do programa, resultados importantes já podem ser constatados, em especial no que diz respeito ao desempenho acadêmico-docente dos licenciandos, o que nos leva a propor a reflexão aqui apresentada.

2 A EXPERIÊNCIA VIVIDA E A CONSTRUÇÃO DE UMA HISTÓRIA DO SUJEITO

Abordaremos aqui a experiência vivenciada pelo licenciando Pibid na dinâmica das relações teoria-prática instituídas entre a universidade e a escola pública. No centro de nossas reflexões está o conceito de experiência, mais especificamente experiência docente. Para tratar desse conceito, evocamos os estudos de Agamben (2005) acerca da experiência no mundo moderno. Este filósofo apresenta um conceito de experiência marcado pela linguagem, em dois textos integrantes da obra *Infância e História: destruição da experiência e origem da história* (2005), a saber: “Experimentum linguae e Infância” e “História: ensaio sobre a destruição da experiência”. Esse conceito nos interessa sobremaneira, na reflexão que ora propomos, pela sua potência em ajudar a pensar a experiência docente no contexto da sala de aula, por entendermos que esta experiência só se revela possível se levarmos em conta o atravessamento que ela sofre dos eventos de linguagem vividos pelo sujeito protagonista. Dito de outro modo, acreditamos que, para compreender a experiência docente, precisamos alcançar o discurso do sujeito que vive tal experiência, uma vez que é só no evento da linguagem que a experiência pode ser resgatada, não em sua totalidade, o que, veremos, revela-se uma impossibilidade, mas como parcialidade numa relação permanente de **presença x ausência**.

As experiências de linguagem dos licenciandos foram construídas, ao longo do desenvolvimento do projeto, por meio de

diferentes propostas, desde relatos orais até registros escritos mais formais, além, é claro, da conversação cotidiana própria da vida em sociedade. Para a discussão aqui proposta operamos um recorte em função do limite de tempo e espaço de nosso trabalho. Ocupamo-nos das experiências de linguagem registradas nos relatórios dos licenciandos, atividade realizada em todos os subprojetos que compõem o Pibid na Universidade de Passo Fundo, socializados nos grupos de trabalho a cada seis meses. Nesses relatórios, levando em conta o eixo norteador em que se encontra o desenvolvimento das atividades propostas, os licenciandos registram as experiências pedagógicas vividas no contexto do Pibid e se posicionam frente a elas. Esses relatórios apontam para resultados atingidos e lacunas verificadas no percurso da formação docente, permitindo, em especial, ao coordenador de área de cada subprojeto, na condição de mediador do processo, repensar a proposta de trabalho para o semestre vindouro, num permanente movimento de reflexão e avaliação.

Debruçamo-nos aqui sobre parte desse material, seguindo os princípios teóricos propostos por Agamben (2005), conforme já anunciamos, dialogando especialmente com o texto “Experimentum linguae”, que consiste num prefácio escrito para a edição francesa do livro de Agamben, em 1989, e com o texto “Infância e história: ensaio sobre a destruição da experiência”, que figura como primeiro ensaio do livro homônimo. Optamos por trabalhar com esses dois textos porque eles focalizam a linguagem, objeto pelo qual temos interesse especial, em sua relação com a experiência do sujeito.

Agamben (2005, p.13) retoma conceitos de Heidegger por meio de um complexo raciocínio, que não reproduziremos aqui, para trazer à discussão a concepção de uma **infância** do homem, por meio da qual seria possível uma experiência de linguagem entendida não apenas a partir da insuficiência de nomes proposta por

Heidegger, mas da qual se poderia indicar a lógica e exibir o lugar e a fórmula.

Essa experiência, na visão de Agamben, seria transcendental, pautada nos princípios de uma ciência da linguagem, como propôs Émile Benveniste, a partir da diferença entre semiótico e semântico. Para compreender melhor o raciocínio do autor, necessitamos, portanto, elucidar as noções de semiótico e semântico, tal qual apresentadas pela teoria benvenistiana.

A língua, conforme análise de Benveniste ([1969] 1989, p. 63), exposta no artigo “Semiologia da língua”, é o único modelo de um sistema semiótico simultâneo na sua estrutura formal e no seu funcionamento: ela se manifesta na enunciação, que contém referência a uma situação; ela consiste em sua forma de unidades distintas, sendo cada uma um signo; ela é produzida e recebida nos mesmos valores de referência por todos os membros de uma sociedade; ela é a única atualização da comunicação intersubjetiva. Isso se deve, segundo Benveniste, à dupla significância da língua, uma vez que ela combina o modo semiótico e o modo semântico. O semiótico designa “o modo de significação que é próprio do signo linguístico e que o constitui como unidade” (BENVENISTE, [1969] 1989, p. 64). Com o semântico, o linguista reconhece a entrada no modo de significância “engendrado pelo discurso” (BENVENISTE, [1969] 1989, p. 65). Assim, o semiótico deve ser reconhecido, enquanto o semântico precisa ser compreendido. Essa dupla significância não ocorre nos demais sistemas, sendo que o privilégio da língua, conforme o linguista, consiste em comportar simultaneamente a significância dos signos e a da enunciação.

Agamben, baseando-se nos conceitos benvenistianos expressos nos textos “A natureza dos pronomes” ([1956] 2005) e “Da subjetividade da linguagem” ([1958] 2005), defende a ideia de que o homem se constitui como sujeito na linguagem e através da linguagem. O autor parte do conceito de subjetividade proposto por

Benveniste ([958] 2005, p. 286), entendido como a “capacidade do locutor para se propor como sujeito”. O sujeito da linguagem representa para o filósofo, assim, o fundamento da experiência e do conhecimento.

Essa relação se concretiza para ao se pensar numa infância do homem, concepção sobre a qual Agamben (2005, p. 60) teoriza:

Se pudéssemos encontrar um momento em que houvesse homem sem haver linguagem, poderíamos dizer que temos entre as mãos a experiência pura e muda. Benveniste mostra que isso não existe, por mais que voltemos no tempo, sempre encontraremos um homem falando com outro homem. O homem, tal como o conhecemos, se constitui como homem através da linguagem.

Apesar dessa infância não poder ser pontuada no tempo e no espaço, como um período cronológico na história do homem, Agamben vê a possibilidade de resgatar tal infância a cada experiência do homem com a linguagem. Essa compreensão está baseada no seguinte raciocínio: a historicidade do ser humano encontra seu fundamento na descontinuidade entre língua e discurso, uma vez que o homem é um ser histórico em relação à diferença entre semiótico e semântico. Sendo assim, a infância se situa no hiato entre semiótico e semântico.

Entendemos com Benveniste, em especial a partir dos textos “A natureza dos pronomes”, “Forma e sentido na linguagem”, “A semiologia da língua”, que o homem só entra na língua pelo discurso. Logo, a infância se revela inatingível como momento cronológico, mas se marca na existência humana a cada relação do homem com a língua, a cada vivência de linguagem na qual o homem se encontra entre o semiótico da língua e o semântico do discurso. O semiótico, então, representa a pura língua pré-babélica da natureza, da qual o homem participa para falar, mas onde se encontra sempre no ato de sair para a babel da infância. O semântico, por sua vez, existe apenas na emergência momentânea

do semiótico na instância do discurso. E a história se constrói justamente no instante da passagem da pura língua ao discurso, vivida e revivida a cada experiência com a linguagem, sempre única e renovada para o sujeito que atualiza a língua em seu discurso.

Deduzimos, dessa forma, que a experiência pura do homem jamais é alcançada, uma vez que ela estaria na infância proposta pelo filósofo, inatingível, mas podemos nos aproximar dela por meio da linguagem, uma vez que infância e linguagem constituem uma espécie de círculo: a infância é a origem da linguagem e a linguagem é a origem da infância. Segundo o filósofo, não pode ser algo que precede cronologicamente a linguagem – um paraíso que de repente abandonamos para falar –, mas coexiste originalmente com a linguagem e se constitui, ela mesma, por desapropriação feita pela linguagem ao produzir cada vez o homem como sujeito.

Com base nesses fundamentos, na próxima seção dedicamos a circunscrever a experiência docente revelada no discurso do sujeito, pelo sujeito do discurso. Temos ciência de que esse desvelamento se dá de forma parcial, uma vez que, segundo o próprio Agamben, a experiência pura e original se perde no instante de sua realização. O que encontramos, via linguagem, é um vestígio dessa experiência, construída no aqui-agora do sujeito que se enuncia.

3 A EXPERIÊNCIA DOCENTE NO AQUI-AGORA DE CADA ENUNCIÇÃO

Operamos com o conceito de enunciação conforme proposto por Benveniste ([1969] 1989, p. 82): “enunciação é o colocar a língua em funcionamento por um ato individual”. Eis a entrada na língua, ato que se renova a cada enunciação vivida pelo sujeito, que mobiliza os recursos da língua para construir significação na situação discursiva. Assim sendo, expomos alguns segmentos de relatórios dos licenciandos bolsistas, preservando sua identidade,

para, a partir deles, discutir a construção da história da formação docente no contexto Pibid-UPF.

Alertamos que se trata de um recorte, tanto em relação ao projeto institucional como em relação ao discurso proposto nos relatórios. E, certamente, como todo recorte, perdemos parte do sentido. No entanto, procuramos compensar essa perda com o conhecimento que temos da contexto onde a experiência foi desenvolvida, uma vez que as autoras exercem diferentes funções no Pibid-UPF: coordenadora institucional, coordenadora de área, coordenadora de gestão pedagógica.

Vamos, enfim, aos dados de nossa investigação. Na sequência, apresentamos quatro segmentos constituintes de relatórios de licenciandos, sendo que cada um deles representa uma experiência construída num dos eixos norteadores apresentados no início deste artigo. A partir deles, procuramos tecer considerações acerca da experiência docente e da história de sua formação.

Segmento 1 – Depoimento construído em relatório referente ao eixo Contextualização do ambiente escolar e da Educação Básica

Pelo fato de a escola estar localizada no centro, ela é composta por alunos advindos do próprio centro e de outras regiões, com **diferentes** realidades sociais, econômicas e culturais. A escola possui **duas** realidades, dos alunos que sempre estudaram na escola, os quais chegam ao ensino médio com uma boa produção, espírito crítico e são leitores. **Em contrapartida**, há alunos que vêm de outras escolas para cursar o ensino médio, que apresentam inúmeras dificuldades em relação aos termos citados. A busca por vagas na escola é intensa, já que possui um ensino diversificado, com bons professores e boas referências. (Relatório 2012, grifos nossos).

A experiência de contextualização do ambiente escolar e da Educação Básica se constrói, neste depoimento, por meio de escolhas linguísticas bastante instigantes, que nos levam a pensar neste sujeito que se apropria da língua para construir o seu dizer. O

segmento 1 se organiza numa oposição explícita de ideias, representativa da constatação de duas realidades no interior da mesma escola. Essa oposição se configura no discurso por meio de escolhas linguísticas como “e”, “diferentes”, “duas”, mas principalmente pelo nexos adversativo “em contrapartida”, escolhas essas marcadas em negrito por nós no segmento 1, para facilitar sua localização. Deixemos claro que não convocamos aqui uma teoria de análise que procure discutir as formações ideológicas do sujeito que se enuncia, embora reconheçamos que essa análise também seria possível a partir dos dados aqui apresentados. O que estamos buscando, efetivamente, é identificar como o sujeito institui a sua experiência docente via discurso. Podemos afirmar que ela se apresenta, nesse segmento, como um engendramento muito específico das formas da língua, capaz de revelar no discurso uma oposição de aspectos que marca a heterogeneidade da experiência docente.

Segmento 2 - Depoimento construído em relatório referente ao eixo Investigação das práticas de ensino-aprendizagem

De todas as aulas a que assisti por intermédio do PIBID, a do dia 19/10/11 foi a que mais me impactou, uma vez que percebi o impacto que nossas práticas têm causado sobre os alunos. Logo que os colegas e eu entramos na sala de aula, um aluno, que, até então, era visto como um dos principais responsáveis pela indisciplina na sala de aula veio me mostrar, muito empolgado, o resumo que ele fizera, no decorrer da semana, do livro “Dom Casmurro”, de Machado de Assis. Muito contente, ele me relatou: “professor, eu li o ‘Dom Casmurro’, entendi, gostei muito e, enquanto eu lia, ia fazendo o resumo”. Elogiei-o, portanto, dizendo que, certamente, esse passo dado lhe trará muitos bons frutos. (Relatório 2012).

Reconhecemos, no segmento 2, a subjetividade marcada pelo uso dos índices de pessoa, uma vez que todo o texto apresenta marcas linguísticas capazes de identificar o sujeito que se diz “eu”. Toda a experiência docente relatada se constrói a partir desse ponto de vista e desse lugar linguístico, comprovando que a experiência se

consolida no dizer dessa mesma experiência. Parece ser importante para o licenciando escrever acerca das situações docentes vivenciadas, pois, dessa forma, ele mobiliza estruturas linguísticas no aqui-agora do seu discurso, ocupando um lugar central nesse discurso e consolidando o protagonismo da experiência vivida.

Esse papel de protagonista se revela no discurso por meio do uso de elementos linguísticos com função qualificadora, como aqueles usados na caracterização do aluno citado: “muito empolgado”, “muito contente”. Tais elementos apontam para a subjetividade no discurso, uma vez que são elementos de cunho avaliativo e, portanto, remetem sempre ao sujeito da enunciação de forma direta. Eis aí a relação experiência-linguagem extremamente marcada: só temos acesso à experiência em questão em função do relato subjetivo do licenciando, capaz de veicular diversos aspectos da realidade vivida, mas sempre perpassada pela subjetividade, decorrente de fatores culturais, afetivos, sociais, dentre outros.

Também há no segmento 2 uma espécie de metaenunciação, posto que o licenciando cita o discurso alheio ao reproduzir a fala do aluno. Trata-se de uma tentativa de resgatar a experiência vivida de forma mais concreta, via discurso do outro, buscando reviver o aqui-agora da enunciação já encerrada, o que mais uma vez nos leva a afirmar o poder da linguagem na construção da experiência docente.

Segmento 3 – Depoimento construído em relatório referente ao eixo Ações/Inovações pedagógicas: propostas de intervenção em sala de aula e em espaços alternativos

Sabe-se que a leitura de textos literários é fundamental para a formação de um aluno mais crítico e engajado socialmente, uma vez que aumenta seu conhecimento de mundo, desenvolve sua imaginação e criatividade e, ainda, permite refletir sobre a língua e a sociedade em períodos históricos distintos. A esse respeito, verifica-se no Referencial Curricular – Lições do Rio Grande, a seguinte citação:

“A literatura estimula a interação com o meio social, possuindo o potencial de transformá-lo, uma vez que desenvolve o senso crítico e a capacidade de refletir a

respeito da realidade” (2009, p. 83).

Em vista disso, nesta sequência didática, trabalhamos com o estudo de três obras pertencentes ao período realista, com o intuito de compará-las – explorando, assim, a intertextualidade – e ainda, de realizar um diálogo quanto à atuação feminina no passado e na atualidade. (Relatório 2012).

O segmento 3 veicula um discurso que busca o argumento da autoridade, uma vez que o licenciando, nesta situação, propõe uma ação no espaço escolar. Há aqui a consciência de que sua experiência envolve uma responsabilidade maior do que aquelas desenvolvidas nos eixos anteriores, quando seu papel era de observador do espaço escolar. Para sustentar seu argumento de autoridade, o sujeito busca, por meio do recurso da citação bibliográfica, justificar sua ação. Isso revela, portanto, uma experiência docente caracterizada pela fundamentação teórica, o que implica ação-reflexão-ação no fazer pedagógico.

A história da experiência docente, assim, nos leva a um período anterior ao da *performance* em sala de aula: a preparação da intervenção didática, a qual exige também uma experiência com a linguagem, já que o licenciando busca sua fundamentação por meio de leituras dos referenciais didáticos disponíveis. Pensar nessa experiência é fundamental sempre que nos debruçamos sobre a compreensão da formação docente. Acreditamos que a capacidade discursiva de leitura do professor é tema para muita discussão, assim como os materiais didáticos que sustentam seu embasamento pedagógico. Por ora, limitamo-nos a perceber a existência e a importância dessa experiência na formação docente, registradas no discurso aqui analisado.

Segmento 4 - Depoimento construído em relatório referente ao eixo Integração, sistematização, avaliação e difusão

Através do PIBID eu consigo ter uma visão ampla de sala de aula, que engloba os aspectos positivos e negativos para um bom funcionamento em sala de aula.

Como o objetivo do PIBID é inserir os alunos acadêmicos de algumas licenciaturas nas escolas públicas, os bolsistas também têm outra vivência de sala de aula. Se algum já conhecia escolas particulares, percebeu que a realidade de uma escola pública é bem diferente. Não há tantos suportes tecnológicos, financeiros e outros mais que de uma forma ou outra acabam influenciando na aprendizagem dos alunos. Porém, há ainda muitos professores e, principalmente os que estão começando na profissão, que querem melhorar a educação e o modo como é construído o conhecimento com os alunos. (Relatório 2012).

No segmento 4, novamente a subjetividade se coloca de forma incisiva no discurso do licenciando: ao dizer “eu”, particulariza a experiência vivida, aproximando-se dela e tornando-a única. Há a oposição ‘eu’ X ‘ele’, expressa em escolhas linguísticas como “os alunos acadêmicos”, “algum”, “Se algum já conhecia”. A mesma oposição é reconhecida nas expressões “muitos professores”, “os que estão começando na profissão”. Ou seja, trata-se de um olhar mais distanciado, uma vez que a experiência vivida pelo sujeito que se apropria da língua e constrói o discurso em questão não se identifica integralmente com a história dos demais, neste caso, representado pelos outros bolsistas e pelos professores das escolas envolvidas, embora o faça parcialmente.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a reflexão realizada a partir do conceito de experiência de Agamben (2005), conseguimos reconhecer o processo por meio do qual os licenciandos bolsistas do Pibid na UPF se tornam protagonistas da ação docente. Esse processo ocorre nos limites da linguagem, caracterizando a busca de sentido em cada dizer, como resultado de uma relação subjetiva com a língua, revelando o que de fato significa apropriar-se da língua como sujeito. Esse sujeito linguístico revela-se também sujeito da sua história: ao construir seu discurso, o licenciando reconstitui a experiência vivida no aqui-agora

do ato enunciativo, abrindo espaço para sua própria historicidade. Somos levados, pela caminhada desenvolvida até agora no contexto do Pibid-UPF, a acreditar que, de fato, os sujeitos envolvidos nas ações do Programa encontram condições de ocupar um lugar próprio na ação docente, capaz de garantir, a cada ato de dizer, sua entrada na língua de forma diferenciada, marcada pela experiência historicizante que eles vivem no cotidiano que se abre à sua frente.

A experiência docente, portanto, é vista como experiência do sujeito com a linguagem, revelada na relação construída a cada enunciação. Muito ainda há para ser analisado, muitas inserções linguísticas estão em construção, outras tantas se perderam na efemeridade do ato, no entanto, as marcas dessa experiência podem ser vistas nos materiais didáticos construídos, nas escolas conveniadas, nos cursos de licenciatura que abrigam o Programa, na produção científica dos licenciandos e professores, o que, sem dúvida, provocará outras experiências e novas enunciações, construindo uma nova história para a Educação e, conseqüentemente, novas histórias de vida.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **Infância e história**. Destruição da experiência e origem da história. Trad. Henrique Burgo. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

BENVENISTE, É. (1956). A natureza dos pronomes. In:_____. (1966). **Problemas de linguística geral I**. Trad. Maria Glória Novak e Luiza Néri. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995.

_____. (1958). Da subjetividade na linguagem. In: BENVENISTE, É. (1966). **Problemas de linguística geral I**. Trad. Maria Glória Novak e Luiza Néri. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995.

_____. (1969). A semiologia da língua. In. BENVENISTE, É. (1974). **Problemas de linguística geral II**. Trad. Eduardo Guimarães e outros. Campinas: Pontes, 1989.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Portaria nº 260, de 30 de dezembro de 2010. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/Portaria260_PIBID2011_NomasGerais.pdf> Acesso em: 26 jun. 2013

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO. Projeto institucional referente ao Edital nº 18/2010, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Passo Fundo, 2010.

Recebido em: 30/05/2013

Aprovado em: 11/06/2013